

Robert Vannoy , Kings, Palestra 1

© 2012, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Introdução – Título Autoria e Data

Introdução ao curso

Não farei muito mais do que ler isto esta noite para esta seção introdutória do curso. Quero fazer isso com o folheto porque parte dele é um pouco complexo e pensei que provavelmente seria mais fácil para você tê-lo por escrito do que tentar fazer anotações. Assim que entrarmos no livro de Reis em si e no conteúdo, não farei isso e você terá que confiar em suas próprias anotações. Mas para este material introdutório eu dei a vocês a apostila.

A. Título: Reis

A primeira coisa que gostaria de discutir é o nome. O título hebraico é “Malakim”, que significa “Reis”. Não há evidências de que o livro tenha sido dividido em duas partes no texto hebraico até a edição da Bíblia Hebraica publicada por Daniel Bomberg, 1516-1517, em Veneza. A divisão do livro em duas partes foi introduzida pela Septuaginta. Essa é a tradução grega do Antigo Testamento, que combinou Reis e Samuel em uma grande obra histórica intitulada “Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto Livro dos Reinados” ou “Reinos”. Jerônimo alterou isso na Vulgata para “Um, Dois, Três, Quatro Reis”. A divisão do material em duas partes continua até o presente tanto nas edições da Bíblia em hebraico como nas línguas modernas. Acho que vale a pena saber disso, principalmente porque você pode ver aquela referência a “Um, Dois, Três, Quatro Reis”, que foi o título usado por Jerônimo na Vulgata. Na tradição católica romana, esses títulos ainda são usados, então você pode procurar um comentário ou, em algum momento, encontrar em sua leitura uma referência a “3 Reis” e se perguntar o que é. “3 Reis” seria o mesmo que nosso 1 Reis, porque você vê na Vulgata Samuel era chamado de Primeiro e Segundo Reis e depois Reis é chamado de Terceiro e

Quarto Reis, porque na Vulgata Samuel e Reis eram meio que usados como uma unidade : Um dois três quatro.

Na tradição hebraica os livros de Samuel são chamados de Samuel e os Reis são chamados de Reis, e é isso que seguimos. Mas originalmente, ambos os livros eram uma unidade. Há um livro de Samuel e um livro de Reis. A divisão em dois só foi feita na Septuaginta, mas depois, através da Septuaginta, voltou a essas edições posteriores dos textos hebraicos, de modo que nosso texto hebraico atual contém dois livros de Reis e dois livros de Samuel. Mas isso realmente não era original.

É claro, porém, que o material dos dois livros constitui uma unidade original. A divisão ocorre em um local bastante arbitrário, embora apropriado, após as mortes de Acabe em 1 Reis 22:37 e de Josafá em 22:30. Agora Acabe era rei no norte e Josafá rei no sul. Você acerta a morte de dois reis importantes no último capítulo de Primeiros Reis, então é um lugar apropriado. Mas permite que o relato do reinado de Acazias de Israel, que é 22:51-53, se sobreponha ao fim do Primeiro Reis e ao início do Segundo Reis. O mesmo acontece com Elias, cuja vida é narrada em 1 Reis, mas cuja trasladação para o céu é narrada em 2 Reis. Portanto, a divisão é um tanto arbitrária, mas num local razoavelmente apropriado.

Quando tomado como uma unidade, o livro assume um lugar bem definido no cânon do Antigo Testamento entre os antigos profetas. Os “Antigos Profetas”: esta é a nomenclatura ou designação judaica tradicional para o que normalmente chamamos de livros históricos. Mas os Antigos Profetas, Josué, Juízes, Samuel e Reis juntos descrevem uma história do Israel pré-exílico em Canaã. Começaram após a morte de Moisés e terminaram com a morte de Nabucodonosor, sucedido por Evil- Merodaque , que pôs fim à independência de Israel. Reis descreve o fim do governo de Davi, o Reino Unido sob Salomão e o Reino Dividido em sua totalidade.

B. Conteúdo Geral – Estrutura Tripla

Tudo bem, B é: “Conteúdo Geral”. Reis descreve o último período da história do Israel pré-exílico. Começa com a morte de David e divide-se naturalmente em três seções principais. As três seções são: 1 Reis 1-11, que é uma descrição do governo de Salomão sob o qual os reinos de Israel e Judá estão unidos. Em segundo lugar, 1 Reis 12 - 2 Reis 17 contam a história do Reino Dividido até a queda de Israel, ou seja, o Reino do Norte com a captura de Samaria pelos Assírios. Isso vai de 1 Reis 12 a 2 Reis 17 – a segunda seção principal. O terceiro é 2 Reis 18-25, onde você tem o Reino de Judá até a destruição de Jerusalém com dois suplementos relativos a Gedelias (2 Reis 25:22-26) e Joaquim (2 Reis 22:25, 27-30). Agora, quando eu digo o reino de Judá *até* a destruição de Jerusalém, esse é o reino de Judá subsequente à queda de Samaria no norte até o fim, de 722-721 AC até 586 AC Então esses são os três principais Seções.

Na segunda seção, a história dos dois reinos não é apresentada em narrativas separadas, mas sim de forma paralela. Começando com Jeroboão I, a técnica utilizada é descrever o reinado e as atividades de um determinado rei e depois passar para todos os reis dos outros reinos que foram contemporâneos dele e depois trabalhar dessa maneira. A composição do livro caracteriza-se pela definição da descrição de cada rei no quadro de fórmulas introdutórias e conclusivas. A fórmula introdutória geralmente contém os seguintes seis elementos: idade da sucessão, duração do reinado, local de governo, nome da mãe, avaliação do reinado e sincronização. Ou seja, ele começou a reinar em tal e tal ano de um rei no outro reino. Ele sincroniza com isso. A fórmula final geralmente contém uma fonte suplementar, tal como: “O restante dos atos de fulano de tal pode ser lido em algum outro lugar”. Um anúncio de falecimento, local de sepultamento, nome do sucessor.

1. Fórmulas de estrutura introdutória para cada rei

Um exemplo dessa estrutura está em Roboão em 1 Reis 14:21: Ele tinha quarenta e um anos quando se tornou rei, reinou dezessete anos em Jerusalém, o nome de sua mãe era Naamá, ela era amonita. Em 14:29-31 você lê: “Quanto aos outros acontecimentos do reinado de Roboão e a tudo o que ele fez, não estão escritos no livro dos anais dos reis de Judá? E Roboão descansou com seus pais e foi sepultado com eles na cidade de Davi. E Abias, seu filho, o sucedeu como rei.” Então você vê que esses tipos de fórmulas no início e no final do reinado são bastante padronizadas para cada um dos reis. Nem todos contêm todos esses elementos, mas geralmente contêm um bom número deles.

Começando com Abias, outro elemento é introduzido na fórmula introdutória, nomeadamente o da sincronização com o governo de outro reino. 1 Reis 15:1: Abias foi o segundo rei do sul; Roboão foi o primeiro, depois Abias. De Abias diz: “No 18^o ano do reinado de Jeroboão, filho de Nebate, Abias tornou-se rei de Judá”. Então essa é sua primeira sincronização. Jeroboão foi o primeiro rei do norte, e no 18^o ano de seu reinado Abias começa a reinar no sul. Com Nadabe de Israel em 1 Reis 15:28 e Asa de Judá, 1 Reis 16:10-11, o ano da morte de Elá também está sincronizado.

2. Avaliação de cada rei O elemento mais importante na fórmula introdutória e conclusiva, entretanto, é o julgamento, ou avaliação, do rei de acordo com o critério se ele foi ou não fiel ao Senhor e à aliança, ou caiu na idolatria. Como todos os reis de Israel, que é o Reino do Norte, participaram da adoração do bezerro em Betel e Dã, diz-se que todos eles “andaram no caminho de Jeroboão, filho de Nebate, que fez Israel pecar” - 1 Reis 15:34. Somente com Jorão, 2 Reis 3:2, e Oséias, 2 Reis 17:2, o julgamento inclui algum elogio. Então você vê com os reis do norte, porque logo após a divisão dos reinos Jeroboão colocou aqueles bezerros em Betel e Dã, mas aqueles reis do norte, todos eles andaram no caminho de Jeroboão, filho de Nebate, em pecado idólatra.

A avaliação dos reis de Judá é um pouco mais sutil, mas mesmo quando em geral há coisas em suas atividades que merecem aprovação, permanece o fato de que eles não removeram os altos. Louvores incondicionais são dados apenas a Ezequias e Josias – 2 Reis 18:24, 2 Reis 22:3 e 23:8.

Cinco reis recebem aprovação qualificada: Asa, Josafá, Jeoás, Azarias e Jotão. Diz-se que aqueles cinco reis eram basicamente bons reis, mas não removeram os lugares altos. Então existe essa qualificação. Se você olhar esses textos, verá isso. A mais forte desaprovação é dada a Acabe do Reino do Norte, 1 Reis 16:29-34, e Manassés no sul, 2 Reis 21.

3. Debate sobre a datação das fórmulas Essas são as fórmulas que introduzem e concluem as descrições dos reinados dos vários reis. É geralmente aceite que estas fórmulas-quadro são obras do próprio autor, embora este possa ter recolhido detalhes das informações nelas contidas nos arquivos do tribunal. Existe diferença de opinião, porém, com relação à época de sua origem. Olhe para *Uberlich Geschichte* 1943.” Isso é *Traditions Historical Study*, de Martin Noth. A tradução para o inglês é *História Deuteronomística*, foi traduzida em 1981. É um escrito muito influente. Martin Noth sugere que essas fórmulas introdutórias e conclusivas são o material mais recente do livro dos Reis e constituem a estrutura final na qual o material anterior foi estabelecido.

Por outro lado, Alfred Jepsen, *The Sources of the Books of Kings*, 1956, adota exatamente o ponto de vista oposto. Ele diz que o material da estrutura é o material mais antigo do atual livro dos Reis, decorrente do que ele designa como “a crônica sincronística” de Israel e Judá, incluindo material dos anais de ambos os reinos. Ele atribui sua composição a um sacerdote que viveu por volta do final do período do Reino Dividido. Isto forneceu a estrutura dentro da qual os editores posteriores inseriram todo tipo de material de outras fontes. Jepsen considera a crônica como o núcleo do atual livro dos Reis, contendo de forma condensada a história de ambos os reinos até a época de Ezequias. Uma discussão mais

detalhada sobre isso nos levaria muito longe. Não quero me envolver muito nesse tipo de coisa.

4. Divisão mais próxima – Reino Unido – 1 Reis 1-11

Quando olhamos mais de perto para a primeira divisão principal, 1 Reis 1-11, descobrimos que ela se divide em material introdutório, capítulos 1 e 2, e um capítulo de conclusão 11. Entre essas duas seções, os capítulos 3-10, centralizam-se em “A”. A sabedoria de Salomão, capítulos 3 e 4. “B” é a construção do templo e do palácio, capítulos 5-9; e “C” sua prosperidade e riqueza, capítulo 10. O leitor percebe imediatamente que o autor organizou este material para colocar o lado negro da vida e das atividades de Salomão no capítulo final. Essa disposição não é estritamente cronológica, como pode ser visto especialmente em 11h14ss. que em sua maioria se referem a eventos muito anteriores aos versículos anteriores e seguintes. Bem, essa é a estrutura da primeira seção. 1 Reis 1-11 é sobre Salomão e o fim do Reino Unido.

5. Segunda Divisão – 1 Reis 12-2 Reis 17 – Reino Dividido

A segunda divisão principal, 1 Reis 12 – 2 Reis 17, contém uma história do período do Reino Dividido. Isto vai desde a morte de Salomão até o exílio assírio do Reino do Norte em 722 aC. Esta é de longe a maior das três seções. A divisão deste material em, eu diria, subseções, é muito mais difícil do que com o material relativo ao reinado de Salomão. Na primeira seção há um rei em um período de cerca de 40 anos de história. A segunda divisão principal, 1 Reis 12 – 2 Reis 17, contém uma história do Reino Dividido desde a morte de Salomão até a queda de Samaria. Na segunda seção há numerosos reis nos dois reinos e mais de 200 anos de história.

Em apenas um caso há sucessão simultânea nos dois reinos. Principalmente quando Jorão de Israel e Acazias de Judá foram mortos no mesmo dia por Jeú. 2 Reis 9:21-28. A revolução de Jeú fornece, portanto, um importante ponto de

divisão para esta seção, 2 Reis 9. Veja o esboço das seções 2 e 3.

A questão é como dividir ainda mais o material. Aqui está algo bem diferente que chama nossa atenção. Em grande parte do material restante, os profetas Elias e Eliseu assumem um lugar predominante. Esses dois homens fornecem pontos de orientação para muitas das narrativas. O tempo de Elias começa com 1 Reis 17:1 e o tempo de Eliseu foi 2 Reis 2:1. Isto então nos dá três pontos principais de orientação para 1 Reis 12-2 Reis 17. 1) 1 Reis 17, Elias; 2) 2 Reis 2:1, Eliseu; 3) 2 Reis 9, Jeú. Essas são as três subdivisões de 1 Reis 12 a 2 Reis 17.

Tente quebrar isso, é meio difícil por causa de toda a sincronização, as regras dos reis do norte e dos reis do sul. Mas acho que há três coisas nas quais você pode dizer que pode se apoiar: 1 Reis 17 é Elias, 2 Reis 2 é Eliseu e 2 Reis 9 é Jeú. Jeú é uma figura significativa. Portanto, essas divisões fornecem alguns pontos de divisão importantes.

Com respeito antes de Elias, um ponto de divisão apropriado é a conclusão de 1 Reis 14. Os capítulos 12-14 tratam da história de Jeroboão I e Roboão, os dois primeiros governantes do Reino Dividido. Os capítulos 15-16 tratam de ambos os seus sucessores até o momento da primeira aparição de Elias. Os capítulos 17-19 têm Elias como centro de foco. Os capítulos 20-2 Reis 1 contêm histórias de Elias intercaladas com histórias das guerras de Acabe com os sírios de Damasco. 2 Reis 2-8 centra-se no ministério de Eliseu, e 2 Reis 9-10 descreve a revolução de Jeú.

6. Últimos Dias de Judá – 2 Reis 18-25 2 Reis 11-14 trata dos reinados de Joás e Amazias de Judá e dos reis contemporâneos de Israel. 2 Reis 15-17 trata dos últimos dias do Reino do Norte com os reis contemporâneos de Judá.

Depois, a seção principal final, 2 Reis 18-25, diz respeito aos dias finais do Reino de Judá, começando com o reinado de Ezequias e incluindo os reinados significativos de Manassés e Josias. Ok, tanto sobre conteúdo geral. Isso lhe dá

uma ideia do material abordado em 1 e 2 Reis.

C. Autoria e Fontes 1. Jeremias et al.

“C” é “Autoria e Fontes”. Primeiro, autoria. A questão de quem escreveu 1 e 2 Reis tem sido tema de discussão há muito tempo, com poucas evidências sólidas para justificar uma base para chegar a uma conclusão. Na Mishná, Jeremias é creditado como autor de 1 e 2 Reis. Embora isso não seja impossível, parece altamente improvável. Poucos estudiosos modernos, se houver algum, aceitam isso como uma tradição confiável. Embora Gleason Archer, em sua *introdução*, considere possível que Jeremias tenha sido o autor de todos, exceto do último capítulo, o que é interessante. Quem escreveu isso deve ter fornecido o último evento em Reis, que é a morte de Joaquim, 2 Reis 25:27-30. Embora sua morte não seja explicitamente mencionada, o texto fala da provisão à mesa do rei enquanto ele vivesse. Quanto tempo ele viveu não sabemos. Sabemos que Joaquim foi libertado da prisão no 37^o ano do exílio, no ano em que Evilmerodaque sucedeu a Nabucodonosor como rei na Babilônia. Isto é 562 AC, ou cerca de 25 anos após a queda de Jerusalém, 2 Reis 25:27. Você olha para 2 Reis 25:27 e lê: “No 37^o ano do exílio de Joaquim, rei de Judá, no ano de Evilmerodaque se tornou rei da Babilônia, ele libertou Joaquim da prisão no 27^o dia de o 12^o mês . Ele falou gentilmente com ele e deu-lhe um lugar de honra mais elevado do que os de outros reis que estavam com ele na Babilônia. Então Joaquim deixou de lado suas roupas de prisão e pelo resto da vida comeu regularmente à mesa do rei. Dia após dia o rei dava a Joaquim uma mesada regular enquanto ele vivesse.” Agora, esse é o 37^o ano de seu exílio, ou 562 AC

Sabemos também que Jeremias foi chamado para ser profeta no 13^o ano do rei Josias. Em Jeremias 1:2 você lê ali: “A palavra do Senhor veio a ele no décimo terceiro ano de Josias, filho de Amom, rei de Judá”. Quando ele ainda era muito jovem, Jeremias disse: “Sou apenas uma criança”, em Jeremias 1:6. Josias começou a reinar em 640 aC Se presumirmos que Jeremias tinha 20 anos quando

foi chamado para ser profeta, então na época da libertação de Joaquim ele teria 85 anos. Veja, 640 AC é o 13º ano de Josias. Se Jeremias tivesse 20 anos, seu nascimento teria sido em 647 aC. E se você comparar 647 com 562, que é o ano da expressão da libertação de Joaquim que teria feito Jeremias ter 85 anos no momento em que Joaquim é libertado. Se somarmos mais cinco anos em que Joaquim desfrutou de seu novo status, sendo ali libertado da prisão, chegamos a cerca de 90 anos de idade para Jeremias.

Embora não seja impossível que Jeremias tenha vivido tanto tempo para ter escrito 1 e 2 Reis, isso não parece provável por vários motivos. Primeiro, EJ Young aponta isso em sua *Introdução*, página 188, que parece provável que o relato da deportação e prisão de Joaquim tenha sido escrito na Babilônia, mas Jeremias foi levado para o Egito. Lembre-se, depois que Jerusalém foi tomada, Jeremias foi para o Egito – Jeremias 43:1-8. Segundo, o último capítulo de Jeremias, capítulo 52, é muito semelhante a 2 Reis 24:18-25, 30, mas Jeremias 51:64 diz: “As palavras de Jeremias terminam aqui”. Veja, a última frase desse capítulo é “as palavras de Jeremias terminam aqui”, e então no capítulo 52 você tem uma descrição da queda de Jerusalém, que é muito semelhante ao que você tem no livro dos Reis. Parece que Jeremias 52 e 2 Reis 24:18-25, 30 derivam de uma fonte comum que não foi escrita por Jeremias. Existem pequenas diferenças verbais nos dois relatos. Archer, que defende a autoria de Jeremias, encontra evidências disso no fato de Jeremias não ser mencionado em 1 e 2 Reis. Acho que ele sente que Jeremias não teria chamado a atenção para si mesmo como autor e, portanto, exclui qualquer referência a si mesmo, e isso é uma indicação de que ele é o escritor. Este é um argumento baseado no silêncio, no entanto, e dificilmente é convincente. Os nomes de outros profetas também não são mencionados. Por exemplo, Ezequiel que foi levado cativo ao mesmo tempo que Joaquim. Jonas é mencionado em 2 Reis 14:25. Assim, alguns profetas são mencionados, mas outros não; então não acho que você possa tirar muitas conclusões do fato de Jeremias não ser mencionado como evidência de que ele é o autor. Portanto, há

poucas evidências concretas para estabelecer Jeremias como o autor de Reis.

2. Edições Deuteronomísticas Críticas Literárias de Reis

Entre a escola crítico-literária há aqueles que tentaram encontrar as fontes do JEDP estendidas através de Josué, Juízes, Samuel e até Reis. Isto tem poucos seguidores hoje, embora Otto Eissfeldt seja um defensor desta visão. Este material pré-deuteronomista é então considerado reestruturado e acrescentado pelo editor ou editores deuteronomistas. A ideia crítica geralmente aceita é que houve duas edições deuteronomísticas de Reis. Um por volta de 600 a.C., visto de diversas maneiras como pouco antes ou logo depois da morte de Josias e, em seguida, uma revisão com edições compostas durante o exílio por volta de 550 a.C. Esta visão requer ampla separação do material original de interpretações posteriores, cujos detalhes não podemos discutir aqui. Como RK Harrison *Antigo Testamento A introdução* observa: “A extensão da discordância entre aqueles que aceitam o postulado de dois editores Deuteronomísticos é uma indicação da fraqueza básica da teoria” (p. 731). Essa questão criou um enorme argumento na literatura.

Analisando Reis, os críticos tentam separar o material original e a posterior edição Deuteronomista do material. Qual é o material mais original e, supondo que houve duas edições desta edição deuteronomista do material e separando a primeira da segunda, é realmente um material enormemente complexo com muitas divergências. Todo mundo que escreve um livro sobre isso tem conclusões diferentes no que diz respeito a como cada passagem é identificada como o quê. Parece-me que o autor era alguém da linhagem dos profetas. Não conhecemos o autor; o autor é anônimo, mas foi exatamente isso que os profetas fizeram. Reis é realmente uma interpretação profética da história. E parece que deve ter havido um profeta para reunir este material, mas simplesmente não sabemos quem.

A ideia atual mais dominante com relação à autoria é a teoria da História Deuteronomista de Martin Noth . Veja Martin Noth *História Deuteronomista* publicada em inglês em 1981. De acordo com Noth , um coletivo histórico-

deuteronômico de antigos peneirou o material para os reis e o organizou de acordo com os princípios de uma teologia deuteronômica da história. Na sua opinião, havia apenas um autor para todo o corpus de material desde Deuteronômio até 2 Reis. Veja, isso realmente se baseia na antiga visão de Wellhausen de que o Livro da Aliança encontrado no templo na época de Josias era o livro de Deuteronômio. Foi amplamente ignorado ou perdido. Mas não apenas isso, foi composto no tempo de Josias, numa tentativa de centralizar o culto em Jerusalém. O livro de Deuteronômio não existia até a época de Josias. Mas, em qualquer caso, o historiador deuteronômico acrescentou, na opinião de Noth, Deuteronômio 1-4 como uma introdução a toda a sua história, bem como Deuteronômio 29-30. Ele também compilou Josué, Juízes, Samuel e Reis como uma apresentação teológica regida pelos ideais dos materiais de Deuteronômio. Isto significa que, para Noth, 1 e 2 Reis foi obra de um único autor que viveu no período exílico. Este autor utilizou várias tradições e fontes à sua disposição para apresentar a história do Período Monárquico na existência de Israel como nação em sintonia com a perspectiva Deuteronômica. Na opinião de Noth, a estrutura em 1 e 2 Reis foi criada ao mesmo tempo que o material narrativo foi moldado numa composição unificada. O autor do referencial é o mesmo autor/editor do material narrativo. A obra é um tratado cuidadosamente planejado pelas mãos de um único autor.

Agora, com relação a isso, não há problema com isso. Os outros aspectos desta teoria têm muitos problemas, mas pelo menos ele vê um plano unificado para o livro. E ele vê a influência de Deuteronômio no livro. Há um acordo geral entre os estudiosos críticos hoje de que 1 e 2 Reis é uma obra histórica governada por um ponto de vista deuteronômico por meio do qual as ações dos vários reis de Israel e Judá são avaliadas.

3. Discussão da Abordagem Crítica Deuteronômica e da Resposta

de Vannoy Embora possamos concordar com esta caracterização do livro, é bom manter uma distinção em mente ao usar o termo “Deuteronômica” ou

“Deuteronômico”. Nos círculos críticos, o termo geralmente repousa na pressuposição de que o livro de Deuteronômio foi composto pouco antes da reforma durante o reinado de Josias e forneceu a base para esta reforma. As ideias do Deuteronômio são consideradas novas e revolucionárias, ideias que surgiram em Israel bem no final do Período Monárquico. A época de Josias é pouco antes do fim do Reino do Sul, 586 aC. Há, é claro, sérias objeções a tal ponto de vista. A ênfase em Deuteronômio na obediência à lei com a bênção ou maldição resultante não é apenas deuteronômica, é pactual em Êxodo e Levítico, tanto quanto em Deuteronômio. É claro que o que esses estudiosos críticos diriam é que Êxodo e Levítico foram, em sua maior parte, material posterior ou pré-exílico. Fica muito complicado se você não aceita o material bíblico tal como nos é apresentado, com Êxodo, Levítico e Deuteronômio originalmente da época de Moisés.

A escola Crítica, entretanto, também dá grande importância ao que é visto como uma exigência Deuteronômica de centralização do culto em Jerusalém, o que exigiu a destruição dos altos em todo o país. Este requisito de centralização é supostamente ensinado em Deuteronômio 12 e passou a existir por volta de 621 a.C. Agora, isso é um assunto de discussão por si só se Deuteronômio 12 realmente exige um único santuário, que o único culto legítimo seja permitido em um altar central e em todos os outros altares sendo *per se* ilegítimos. Não creio que seja isso que Deuteronômio diz, mas essa é a visão desta abordagem.

Numa visão crítica, este requisito tornou-se então um padrão primário pelo qual cada rei era julgado. Deve-se notar, contudo, que não está tão claro que Deuteronômio 12 exija a centralização do culto. E, além disso, quando se aceita a posição crítica geral sobre Deuteronômio e a data de sua autoria, então deve-se ver a avaliação dos reis anteriores por este padrão tardio como uma forma artificial e distorcida de avaliar os seus reinados. Em outras palavras, se Deuteronômio não existia até a época de Josias, como você poderia avaliar o reinado de, digamos, Roboão, primeiro rei do Reino do Sul, com base em Deuteronômio se Deuteronômio não existia em 931 AC? Como você poderia avaliar o reinado de

Reoboão com base em Deuteronômio se Deuteronômio só existiu 300 anos depois, em 621 aC?

Portanto, se aceitarmos esta posição crítica e a data de 621 para Deuteronômio, então devemos ver a avaliação dos reis anteriores por este padrão tardio como uma forma artificial e distorcida de avaliar os seus reinados. Um escritor de história deuteronomista deve ser visto como mais interessado em sua teologia do que nos fatos da história. Assim, a sua escrita torna-se uma história teológica no sentido de que a sua teologia exige distorções do que realmente aconteceu. Por exemplo, Wellhausen fez a seguinte declaração a respeito da divisão do reino e do estabelecimento de centros de adoração em Betel e Dã por Jeroboão I: “Quanto ao seu afastamento do culto mosaico observado em Jerusalém, por outro lado, foi primeiro alegado contra eles como um pecado apenas pelos judeus posteriores. Na época, a religião não colocou nenhum obstáculo à sua separação; pelo contrário, na verdade sugere que o promoveu. O culto de Jerusalém ainda não era considerado o único legítimo. Aquilo instituído por Jeroboão em Betel e em Dã foi reconhecido como igualmente correto. Imagens das divindades foram exibidas em todos os três lugares e, na verdade, em todos os lugares onde uma casa de Deus foi encontrada.” Em outras palavras, alega-se que a situação real na época de Jeroboão diferia muito da representação encontrada na história deuteronomística.

Isto força Wellhausen a questionar a realidade de toda a história do homem de Deus de Judá que falou contra o altar de Jeroboão em 1 Reis 13. Veja aquele homem de Deus de Judá em 1 Reis 13 sai e condena aquele altar em Betel. Bem, se naquela época não havia qualquer ideia de centralização da adoração, o que Wellhausen sentiu ser exigido por um Deuteronômio que não existia naquela época, por que o homem de Deus de Judá iria e condenaria a adoração? no altar de Betel? Bem, Wellhausen acha que não. Ele acha que isso é uma construção de uma época posterior, tentando reler a teologia de Deuteronômio ao longo do tempo. Esta história foi desenvolvida para sugerir que esta ideia era uma ideia antiga,

quando na verdade não era. Portanto, isto força Wellhausen a questionar a realidade de toda a história, o que ele faz. Ele acha que isso nunca aconteceu.

Em outro lugar, Wellhausen pode dizer sobre a revisão deuteronomística de 1 e 2 Reis: “Esta revisão é, como esperamos descobrir, estranha aos materiais nos quais a obra se baseia, de modo que os violenta”. Ele fala dos fatos do livro, não apenas sendo julgados, mas também enquadrados de acordo com o livro josiânico de Deuteronômio. Tudo isso foi feito para dar uma explicação teológica às pessoas no exílio sobre sua condição. Mas isto significa que sempre que ideias e pontos de vista deuteronomícos foram encontrados nos textos anteriores ao tempo de Josias, foram considerados como inserções secundárias e distorções do que realmente aconteceu. Chega de autoria no momento. Voltaremos a isso mais tarde.

4. Anais dos Reis usados como fontes

Como 1 e 2 Reis abrangem um período de tempo tão longo, é natural esperar que o autor tenha utilizado diversas fontes de material histórico que estavam à sua disposição. Parece ter sido uma história dos reis de Israel e a história dos reis de Judá, que é frequentemente referida como “o livro dos anais dos reis de Israel” ou o livro dos anais dos reis de Judá. .”

Veja 1 Reis 14:19. Você obtém esta referência que é usada regularmente. 1 Reis 14:19 diz depois de discutir Jeroboão: “Os outros eventos do reinado de Jeroboão, suas guerras e como ele governou, estão escritos no livro dos anais dos reis de Israel”. Assim, o escritor encaminha seus leitores para outra fonte, que presumivelmente era algo acessível caso alguém quisesse obter mais informações. 1 Reis 15:23 fornece a outra fonte : “Quanto aos outros eventos do reinado de Asa, todas as suas realizações, tudo o que ele fez e as cidades que construiu estão escritos no livro dos anais dos reis de Judá”. Existem 33 referências a essas duas fontes nos livros de 1 e 2 Reis. Houve algumas referências. Então, quando você chega ao livro dos anais dos reis de Israel, esse é o norte. Não pode se referir a Crônicas. Parece que existem duas fontes, provavelmente registros judiciais ou

algo parecido, que foram mantidas de alguma forma e eram acessíveis e conhecidas. Há também uma série de fontes mencionadas em Crônicas. E pode ser que o escritor de Crônicas tenha tido algum acesso a 1 e 2 Reis – isso é possível porque Crônicas foi escrito mais tarde.

A questão, é claro, surge em relação à natureza destas duas fontes. Deve-se notar que a referência a eles começa somente após a divisão do reino, e que presumivelmente foram fontes que começaram naquele momento. Não está tão claro, porém, se eram os anais oficiais do tribunal ou algum tipo de história escrita por alguém que teve acesso aos anais oficiais do tribunal. Os que são a favor desta última visão dizem que a questão da referência a eles pressupõe que fossem acessíveis a todos os que desejassem consultá-los. Isso não poderia ser dito dos anais oficiais dos tribunais. No entanto, quem sabe quão acessível tal material poderia ter sido? Também poderia ser questionado se os anais oficiais da corte deveriam conter o registro de uma conspiração para ganhar o reinado. 1 Reis 16:20 diz: “Quanto aos outros acontecimentos do reinado de Zinri e à rebelião que ele realizou, não estão escritos nos livros dos reis de Israel?” Na verdade, não sabemos muito sobre quais foram essas fontes, mas elas são mencionadas repetidamente.

Para a história de Salomão foi usada outra fonte, referida em 1 Reis 11:41 como “o Livro dos Anais de Salomão”. Aqui é ainda mais difícil determinar o caráter de quem está escrevendo. Alguns dizem que foi um trabalho puramente pragmático e propagandístico. Outros dizem que foi uma história que continha exclusivamente um relato político do reinado de Salomão. Outros dizem que o conteúdo era mais amplo do que simplesmente material político. Há longas discussões sobre esta questão, mas não há bases para tirar uma conclusão sólida. Mas há outra fonte, o Livro dos Anais de Salomão, mencionado ali em 1 Reis 11:41. É altamente provável que o autor de Reis tenha tido acesso a outras fontes que não menciona especificamente. Este é especialmente o caso do material de Reis que não se esperaria que fosse derivado dos anais da corte, como, por

exemplo, as extensas narrativas relativas aos profetas Elias e Eliseu. Não é possível determinar se material deste tipo deriva de uma única fonte ou de vários relatos proféticos separados.

Em geral, a maioria dos estudiosos inclina-se para a última posição. HH Rowley rotula estas fontes como biografias proféticas. Ele diz quantos deles foram usados, não podemos dizer. Mas, além dos ciclos de histórias que tratam de Elias, Eliseu e Isaías, encontramos a história de Micaías em 1 Reis 22. Parece-me que, além dos anais oficiais da corte, o escritor deve ter tido acesso a algum tipo de material que tratava de Elias e esses profetas, e utilizamos todo esse material ao escrever este livro. Mas não temos muitas evidências concretas para saber precisamente quais eram essas fontes e quantas delas existiam.

3. Data de Composição

Terceiro, data para composição. Deve ter sido escrito depois do anúncio da libertação de Joaquim da prisão em Babilônia e, por implicação, da sua posição de honra ali em Babilônia até a sua morte. Não sabemos a data da morte de Joaquim. Mas, de qualquer forma, foi após a morte de Nabucodonosor e a sucessão da ascensão de Evilmerodaque ao trono, por volta de 562 a.C. Portanto, em algum momento, provavelmente não muito depois de 562, é o momento mais antigo em que o livro poderia ter sido escrito, porque inclui que material.

Há considerações, porém, que levaram alguns a considerar o material final do livro como acrescentado a uma composição original anterior. Em vários casos, diz-se que certas coisas do período pré-exílico continuam a existir “até hoje”. Alguns pensam que isso indica uma composição no tempo pré-exílico. Por exemplo, em 1 Reis 8:8 lemos sobre os varais que eram usados para carregar a arca. Esses postes eram tão longos que suas pontas podiam ser vistas do lugar santo na frente do santuário interno, mas não fora do lugar santo, e “eles ainda estão lá hoje”. Veja o que é dito em 1 Reis 8:8. Após a destruição do templo e a perda da arca, este não foi mais o caso.

Lemos em 1 Reis 9:20-21 que Salomão recrutou pessoas que sobraram dos hititas, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus para uma força escrava “como acontece até hoje”. Isto, por natureza do caso, se aplicou enquanto o reino de Judá continuou a existir. As declarações em 1 Reis 12:19 de que Israel tem estado em rebelião contra a casa de Davi “até hoje”, e 2 Reis 8:22 de que Edom tem estado em rebelião contra Judá “até hoje”, pressupunham a existência contínua de o Reino de Judá. Outras referências semelhantes são menos problemáticas mas, no entanto, tomadas em conjunto, parecem adequar-se melhor a um escritor que viveu na Palestina no tempo pré-exílico do que a um escritor que viveu na Babilônia no tempo pós-exílico.

Se aceitarmos a possibilidade do trabalho pré-exílico adicionado no tempo pós-exílico, então a questão é quando o trabalho pré-exílico passou a existir? Quando se percebe que a referência à fonte dos Anais dos Reis de Judá é citada com referência ao governo do Rei Jeoiaquim, mas está ausente com relação aos seus sucessores, Joaquim e Zedequias. Então há alguma razão para supor que a primeira composição ocorreu no período entre a morte de Jeoiaquim e a destruição de Jerusalém em 586 aC. Em outras palavras, nos últimos anos antes do cativeiro. A conclusão é então descrita como alguém que vive no tempo do exílio. Embora este seja um ponto de vista possível sobre a data e a autoria, baseia-se em grande parte nas declarações “até hoje”. Uma alternativa é considerar essas declarações como sendo da fonte original, em vez da compilação final de Reis.

Observe 2 Crônicas 5:9 em comparação com 1 Reis 8:8. 2 Crônicas 5:9 diz: “Essas varas eram tão compridas”, que são as varas que carregam a arca, “que suas extremidades estendendo-se da arca podiam ser vistas de frente do santuário interno, mas não de fora do lugar Santo, e eles ainda estão lá hoje. 1 Reis 8:8: “Esses postes eram tão longos que suas extremidades podiam ser vistas do lugar santo em frente ao santuário interno, mas não de fora do lugar santo, e eles ainda estão lá hoje.”

Agora observe 2 Crônicas 5:9 em comparação com 1 Reis 8:8. Crônicas foi certamente pós-exílico. No entanto, o texto é o mesmo. A explicação mais provável é que o cronista simplesmente citou a sua fonte, nomeadamente 1 Reis. Por que o cúmplice/autor de Reis não poderia ter feito o mesmo com suas fontes? Isso aliviaria o problema de propor uma redação de um livro anterior dos Reis por um editor exilado e manteria a unidade da composição de um único autor vivendo no exílio, utilizando as diversas fontes que estavam à sua disposição. Em outras palavras, as declarações “até hoje” poderiam ser as declarações da fonte que o escritor simplesmente cita, e não que o “até hoje” se estendesse até aquele período de exílio.

Se você não disser isso, quase terá que dizer que parte do livro foi escrita antes do exílio; mas esta última seção trata da prisão e libertação de Joaquim, que foi adicionada posteriormente por um editor. Mas uma maneira de contornar isso é esta sugestão. O *terminus ante quem*, antes do qual, é o fim do cativo babilônico, 539 aC. Não há menção a esse fim e nenhum indício de que seja iminente. O livro deve então ter atingido sua forma final antes desse momento. Embora este seja um argumento do silêncio, que muitas vezes não convence, neste caso o regresso do cativo tem um significado tão enorme que o autor que o relatou dificilmente teria conseguido calar-se sobre o seu fim, se este já se tivesse concretizado. Parece certo que o fim do cativo ainda não estava à vista e não há indício disso.

Acho que vou parar neste ponto, tenho outra apostila para ir um pouco mais longe com parte deste material introdutório que veremos provavelmente na primeira hora da próxima semana e então entraremos no livro de Reis.

Transcrito por Kate Tortland
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final do Dr.
Renarrado pelo Dr.